

A Implicância do Tradicionalismo no Processo de Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Colégio nº13 do Dundo

The Implications of Traditionalism in the Process of Teaching-learning of Portuguese Language in the Colégio nº13 do Dundo

José Corindo Muaquixe^{1*}

¹ Lic. Professor do Ensino Secundário, Dundo. josemuaquixe@gmail.com

*Autor para correspondência: josemuaquixe@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma investigação feita com o objetivo de reflectir sobre as Implicâncias do Tradicionalismo no Processo de Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Colégio nº13 do Dundo. A nossa investigação é de natureza descritiva, tendo resultados quantitativos derivados de aplicação de questionário aos alunos. Utilizamos métodos como a descrição e observação. Os resultados obtidos, nesta pesquisa, revelam dois pontos pertinentes: 1- os alunos do Colégio nº13 enfrentam dificuldades nas aulas de estudo da gramática por estar fragmentada de terminologias ou receitas coercitivas que impedem a se expressarem activamente, 2- os alunos apresentam dois quadros de expressão linguística, o primeiro está ligado a um português falado de maneira espontânea, que, sobretudo, é real, e o segundo está ligado a um português completo de receitas de certo e errado, que aprende na escola e, normalmente, não permite a construção de aprendizagem activa. Com a observação de aulas, pareceu-nos notório um certo tradicionalismo/comportamentalismo, os professores inibem e desconsideram o português que os alunos fazem uso no dia a dia e este comportamento continua a propagar insucesso no ensino de LP.

Palabras clave: Ensino; Língua Portuguesa; Teorias de aprendizagem.

ABSTRACT

The present work is the result of an investigation made with the objective of reflecting on the Implications of Traditionalism in the Process of Teaching-learning of Portuguese Language at Colégio nº. 13 do Dundo. Our research is descriptive in nature, with quantitative results derived from the application of a questionnaire to students. We use methods such as description and observation. The results obtained in this research reveal two pertinent points: 1- students of Colégio nº.13 face difficulties in grammar study classes because they are fragmented with terminologies or coercive recipes that prevent them from actively expressing themselves, 2- the students present two frames of linguistic expression, the first is linked to a spontaneously spoken Portuguese, which, above all, is real, and the second is linked to a complete Portuguese of recipes of right and wrong, which learns at school and usually does not allow the construction of active learning. With the observation of classes, it seemed to us a certain traditionalism/behavioralism, teachers inibem and disregard the Portuguese that students make use of in everyday life and this behavior continues to propagate failure in the teaching of LP.

Keywords: Teaching; Portuguese language; Learning theories.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa (doravante LP), nas escolas, vai mais em conta com aquilo que a gramática normativa apresenta, deixando de parte as diferentes concepções ou visões que concebem a língua como fenómeno social (Silva 2014). No contexto do Colégio nº.13, o ensino de LP tem sido sistematizado com base na teoria tradicionalista com reflexo ao comportamentalismo, as matérias são ministradas e extraídas de um programa e gramática completo de terminologia assente na ideologia tradicional, com receitas coercitivas que, de certo, impedem um ensino aberto e bilateral, porque a concepção tradicionalista vê o aluno como agente passivo, o professor é, o único detentor do saber na sala de aula, a criatividade do aluno é deixada de parte, o aluno é tido como objecto do meio, ensinando-se apenas o que o programa elaborado pelo MED apresenta como objectivo curricular de uma dada classe.

O presente trabalho, que vem fazer reflexões sobre as implicâncias da Teoria do Tradicionalismo no Processo de Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Colégio nº13 do Dundo, é mais um tratado que visa demonstrar o que implica quando privilegiamos o tradicionalismo como teoria única no processo de ensino-aprendizagem de LP. **Justificamos a elaboração deste trabalho**, por causa da observação empírica que vimos fazendo ao longo do percurso de nossas actividades académicas, assim como professor de LP; some-se a isso a permanência do tradicionalismo como teoria para facilitação da aprendizagem, a verdade é que esta teoria dificilmente é geradora de ensino aberto ou democrático; nela o aluno é tido como sujeito passivo, as suas abordagens não são levadas em conta, tudo porque essa teoria circunscreve o ensino com terminologias tradicionalistas, logo, leva a nossa preocupação em desenvolver um trabalho com vista a desencorajar a permanência do tradicionalismo como teoria ideal para o ensino. Diante disso, levantamos a seguinte **pergunta de partida**: Que teoria de aprendizagem pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Colégio nº13 do Dundo? Guiamo-nos pelo seguinte **objetivo geral**: reflectir sobre as implicâncias da Teoria do Tradicionalismo no Processo de Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Colégio nº13 do Dundo.

DESENVOLVIMENTO

Reflexões sobre o ensino-aprendizagem de LP no Colégio nº13 do Dundo

Como é sabido, a natureza da disciplina de LP no processo ensino-aprendizagem busca reforçar e melhorar no aluno a competência integral, comunicativa e linguística, tendo em conta o funcionamento da língua na sociedade. No contexto do Colégio N°13 do Dundo, é um facto ver que alguns alunos têm a LP como L1, outros têm-na, no entanto, como L2, os que tem a LP como L1 são alunos que nasceram nos anos 2000.

A LP no contexto do Colégio N°13 do Dundo tem estado em forte contacto com as línguas nativas, os alunos usam uma LP que lhes é típica, carregada de conjunto de traços que provieram de língua local, isto é, português carregado de influências de línguas autóctones, apresentando diferenças significativas na oralidade e escrita; sobre esse assunto, Mingas (2002) diz-nos que, em Angola fala-se uma LP que é variante do português de Portugal, a mesma resultou da influência e contacto que estabeleceu com as línguas nativas de Angola.

Num contexto onde a LP é influenciada pelas línguas nativas é preciso ter em conta o perfil (socio-psico) linguístico dos alunos que não têm a língua de ensino como L1; isto será uma das grandes medidas a tomar no que diz respeito à definição de políticas educativas e linguísticas e, igualmente como um passo a dar na selecção de métodos mais aptos ou ajustados a cada necessidade no ensino de língua. O autor em referência vai mais ao fundo quando nos seus postulados afirma que a tomada de decisão sobre políticas de ensino de língua, não deve ser olhada como caso centralizado onde os programas de ensino são elaborados noutro contexto e enviados para um contexto desfavorável, os estudos devem partir regionalmente (cada região vai apresentar um leque de necessidades de ensino de língua) e só assim cada região podia optar pelas formas mais adequadas de ensino sem desviar-se da regra ou do que se pretende (Mateus, Pinto *et al.* 2009).

Temos a percepção de que ensinar uma língua implica competências, conhecimento e a utilização de metodologias e estratégias que a vão tornar eficaz, tendo em conta a aprendizagem; não é uma tarefa

de simplesmente reproduzir programas, sequências didáticas, gramáticas entre outros instrumentos, sem principalmente olhar a língua como organismo que precisa de conjunto de reflexões no que refere o ensino-aprendizagem. Através do formato real da LP no Colégio N°13 do Dundo, importa sugerir a teoria socio-construtivista em vez da tradicionalista, que se circunscreve a obedecer às regras ou normas tradicionalistas da gramática que favorece o contexto europeu; desde a sua implementação, até ao momento, perduram problemas.

Instila-se o socio-construtivismo no ensino de LP no Colégio N°13 do Dundo porque tem uma posição que vai ao encontro das distintas metodologias linguísticas ligadas à adequação de estratégias, conciliação de programas que absolutamente não responder ao que é indispensável para a aprendizagem explícita do aluno no seio escolar, e, ao mesmo tempo reflectir também sobre psicologia educacional, o uso de meios ou material didáctico que vai ajustar-se ao ensino, a filosofia de educação, a clareza de objectivos educativos e, o conhecimento sobre o que é necessário.

À semelhança do que já referimos atrás, Gaspar (2015) olha o ensino de línguas como um processo que precisa obrigatoriamente de ser reflectido antes de sua implementação, é preciso pensar como, onde e o que se pretende ensinar para desenvolver competências linguísticas em distintas áreas da gramática; têm de se ter em vista as estratégias adoptadas com excelência e a preparação de programas e instrumentos que estejam de acordo com as necessidades dos alunos.

As políticas educativas sobre o ensino-aprendizagem de LP tendem a estar equipadas com soluções direcionadas ao total “desconforto” vivido no ensino do português como língua oficial, o que, por exemplo, se vê é um quadro de ensino de LP, que dista de uma língua portuguesa própria e característica no ambiente social do aluno e, que, por consequência, o fraco aprendizado de conteúdos tem estado a ser compulsivamente visível. A respeito disso, o professor Undolo (2020) diz que “em Angola, (...) quem ensina o português europeu (na vertente do dialecto padrão oficial), de modo nenhum deverá ignorar o português nativo dos alunos, com vista a promover bons ambientes de aprendizagem, favoráveis e ricos de contextos”(p.70). Está aqui a grande problemática, “ignorar” o português que vivemos e, contudo, ensinar o português que não vivemos, que reflecte uma realidade linguística precisamente diferente.

É inconveniente uma língua não ter gramática, todavia uma gramática sem nexo, que não vai ao encontro do que é característico na língua do utilizador é igualmente inconveniente por estar descontextualizada. Perini (2001) citado em Souza (2019) esclarece-nos que as gramáticas tinham que não ter simplesmente normas (receitas de como as pessoas deviam falar e escrever), mas ter também como necessário fundamentos de descrição da língua e acima de tudo a lógica no meio em que ela é estudada.

Corroborando Perini, a nosso ver, uma gramática deve estar ligada ao processo linguístico real ou/e concreto do aluno; é com esta visão que ela vai permitir que seja mais exploratória e facilitadora no aprendizado. Logo, a gramática tradicional do PE para o contexto do PA (sobretudo no Colégio N°13 do Dundo) tem estado fora do que já aludimos anteriormente.

Para um aluno no Colégio N°13 do Dundo, a gramática tradicional passa a ser empecilho nas suas realizações comunicativas verbais e escritas; este contraste, surge pelo facto de aluno ter em posse um corpus linguístico do português precisamente diferente. Às vezes, tem sido custoso quando se ensina a gramática do PE, o que acontece, por exemplo, é: “um aluno no Colégio N°13 do Dundo, o professor na sala de aula transmite-lhe informações sobre regras gramaticais para lhe servir conhecimento a ser usado quer no ambiente escolar, quer no ambiente familiar como em outros ambientes. Entretanto, o aluno, fora do ambiente escolar, é um ser transformado, faz emprego de LP com base no que vive, isto é, em relação à sua situação linguística sem excepções”. Neste ponto reflectivo, Miguel (2003) citado em Undolo (2020) nos expõe à vista que a LP como língua de ensino, tem um carácter de impor regras, deixa de parte a situação linguística do aluno e contribui a insucesso escolar no que diz respeito o baixo rendimento em matérias de ensino.

Tabela 1 Diferenças entre PA versus PE no contexto da no Colégio Nº13 do Dundo.

PE	PA
Traz consigo uma ideologia de conservação/tradicionalismo	Mostra a força evolutiva linguística pautada a teoria socio construtivista
Funciona com o pendor coercitivo sobre a variedade do português Colégio Nº13 do Dundo	Padrão que corresponde a sistemas e subsistemas adequadas às necessidades dos alunos
Modelo gramatical que actua como não ideal à situação linguística da comunidade	Modelo próprio e contextualizado às situações linguísticas concretas da comunidade
Promove preconceito linguístico excluindo falantes na inserção do mercado de trabalho	Conforto linguístico de falantes, inclusão dos falantes no processo natural de comunicação
Esforça os falantes na expressão comunicativa.	Naturalidade na expressão comunicação.
Desconsidera a pluriocorrência de língua tendo em foco ao impacto da língua na sociedade.	Contexto real de ocorrência da língua.
Deixa de parte as diferenças internas a nível fónico, sintático, semântico, morfológico, entre outras, da língua.	Aspecto sintático, Morfológico (...) característico na língua.
Português idealizado para a sociedade no contexto do Colégio Nº13 do Dundo	Português realizado nos alunos sem pretextos

Como é sabido, por detrás de uma língua está o revestimento cultural, entretanto, as regras que a Gramática Tradicional do PE emana têm estado a desconsiderar as realizações linguísticas tendo em conta as variações situacionais do aluno. Ora, os alunos na EML, são obrigados em seguir uma regra imposta independentemente da situação linguística que os caracteriza, se o ensino de LP for de lado senso ministrado com base regras que favorecem outra realidade, é sinónimo de que temos a colher “frutos indesejados”. Faraco e Castro (s.d) trazem-nos um raciocínio crítico que diz:

(...) as nossas escolas, além de desconsiderarem a realidade multifacetada da língua, colocou de forma desproporcional a transmissão das regras e conceitos presentes nas gramáticas tradicionais, como o objecto nuclear de estudo, confundindo, em consequência, ensino da língua com o ensino de gramática. Aspectos relevantes do ensino de língua materna, (...) acabaram sendo deixados de lado (pp.1,2).

Uma língua, naturalmente, possui diferenças internas que são susceptíveis às distintas camadas sociais e complexidade evolutiva da língua. É preciso que, não olhemos simplesmente a língua na perspectiva coercitiva (tradicionalismo), mas também reflectir sobre a relação e princípios que a língua apresenta (perante a situação linguística).

Na Gramática Tradicional no ensino de LP, como é do nosso conhecimento, o seu objectivo é centrado em demonstrar regras de funcionamento susceptíveis à língua assegurando a correcção, adequação e eficácia na oralidade e escrita perante as diferentes situações de comunicação. Sendo ferramenta associável da língua, devia, no Colégio Nº13 do Dundo, ter em conta os factores situacionais da língua, de modos a não silenciar o verdadeiro português local e propagar dificuldades além de assimilação de conteúdos no ambiente escolar.

Para o desenvolvimento de língua portuguesa no ponto de vista das distintas ocasiões de comunicação tendo em consideração a variação de língua, achamos que é preciso que o tradicionalismo seja

substituído com o socio construtivismo resultando assim, vantagens e, eminentemente, liberdade expressiva do aluno.

Mescka e Kunze(2010) citado em Lima, Gomes e Carvalho (s.d), aconselham que “o ensino da gramática deve estar voltado para a realidade do educando (...) facilitando a partir da sua experiência, ampliar o seu horizonte de expectativas, mostrando que há muitas formas de se expressar em sociedade” (p.2). Acrescenta ao semelhante pensamento Antunes (2003) citado em Vieira e Dörr (2014) sobre os problemas de ensino de gramática que foge ao contexto dos alunos o seguinte:

(...) Uma gramática descontextualizada, (...) desvinculada dos usos reais da língua escrita ou falada na comunidade no dia-a-dia, uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra da frase insoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função (...), uma gramática de irrelevância, com primazia em questões sem importância para a competência comunicativa dos falantes. (...) Uma gramática das excentricidades, pois se apoiam apenas em regras e casos particulares que (...) estão fora dos contextos mais previsíveis de uso da língua; uma gramática voltada para a nomenclatura e classificação das unidades (p.6).

Está mais que claro que a gramática tradicional como ferramenta no ensino de LP no Colégio nº13, não está ligada ao contexto, não permitindo um rico repertório de desenvolvimento da competência linguística do aluno e, este processo é somente possível quando se põem em consideração as políticas educativas que se complementam com meio social que caracteriza o aluno.

Adriano (2014) chama atenção que é constatável nas salas de aulas atitudes que deixam a desejar por parte de professores, em proibir sem tolerância a forma como o aluno fala e, sem ter em conta o pressuposto de que o aluno leva à escola um padrão linguístico que de longe se assemelha ao do europeu, por consequência, estas proibições inibem o aluno, ou seja, o aluno fica com receio de participar ou interagir na aula, implicando através disso insucesso.

Em torno do que Adriano julga, pensamos que a sua reflexão não tira a importância que a Gramática Tradicional tem como ferramenta prestigiada do ensino-aprendizagem de LP seja ela L1 ou L2 do aluno, porém, temos como conclusão que esta reflexão nos traz um entendimento que visa interpretar o que acontece quando a gramática não tem relação com um corpus linguístico concreto panorama de língua.

Um ensino de língua contextualizado tem mais probabilidades de ser eficaz e eficiente do que o descontextualizado, os problemas sucessivos que a gramática tradicional provoca no ambiente escolar, em quanto contínuos, é evidente que o insucesso será um facto no ensino. Como se vê na realidade europeia, como também na brasileira, na angolana, em particular no Colégio Nº13 do Dundo, a gramática devia ter um sentido caracteristicamente realista que traduz a regra de uma língua como realmente é falada em vez de como é idealizada.

Verifica-se que, a gramática do PE traz para o falante do PA no Colégio Nº13 do Dundo um conhecimento consciente (que o falante não desenvolve espontaneamente) porque o mesmo tem consigo propriedades concretas intuitivas ou implícitas do PA. Ao que se observa à volta do aluno no Colégio Nº13, permite-nos concluir que a gramática do PE tem estado a desconsiderar o fenómeno verdadeiro do PA que está em conexão a imputáveis factores culturais das Línguas de Angola. É claro que a língua oficial de Angola é o Português com pendor normativo europeu não angolano e, a gramática do PE surge neste âmbito como sua ferramenta de ensino, mas é preciso em primeiro lugar evidenciarmos o facto de Angola ser uma nação com cultura e costumes diferentes, no entanto, nos fica difícil compreender o porquê do ensino de uma gramática tradicional sem políticas apropriadas para um aluno que não tem a base linguística do PE.

PARTE METODOLÓGICA

Em Kauark, Manhães e Medeiros (2010), lê-se que:

A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, (...) de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa” (pp. 53,54).

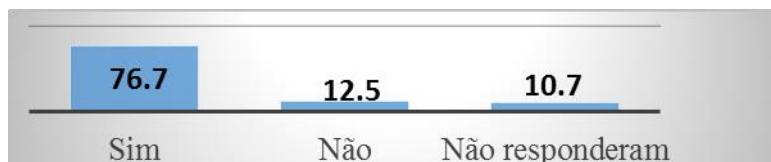
A nossa investigação é de natureza **descritiva**, detalhamos tudo quanto a teoria do tradicionalismo no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa no contexto do colégio nº13 do Dundo implica, sobretudo a sua consequência, enquanto única teoria privilegiada naquele contexto. Utilizamos, igualmente a **observação** que Cervo, Bervian e Silva (2014) asseveraram que “Observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um objecto para dele obter um conhecimento claro e preciso. (...). Sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido a simples conjectura e adivinhação” (p.31). Este método, sendo natural, vigorou no nosso trabalho com o objectivo de observarmos de forma directa e registar a partir de um guião de observação as aulas administradas pelos professores para de facto de obtermos informações e tirar ilações concretas por parte do professor (a forma de selecção de meios e métodos para o ensino de análise sintática) e alunos (o comportamento que apresentam quando o assunto é análise sintática).

Temos resultados **quantitativos** derivados de inquérito por questionário aplicado aos alunos com o objectivo de obtermos informações sobre as implicâncias do tradicionalismo no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa no contexto do colégio nº13 do Dundo. De modo a facilitar a elaboração do presente trabalho, para a recolha de dados, delimitamos uma **população** de 112 alunos (masculinos e femininos) que correspondem a 100%, definimos uma **amostra** de 56 alunos que correspondem a 50%, dentre eles 45 do género masculino e 11 feminino seleccionados aleatoriamente nas salas de aula,

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta secção apresenta informações recolhidas a partir dos inquiridos (alunos) para se reflectir sobre as implicâncias da Teoria do Tradicionalismo no Processo de Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Contexto do Colégio nº13 do Dundo.

Figura 1. Permissão do professor em fazer uso do português que traz de casa.



Relativamente a questão da figura 1, procuramos saber se os professores inibem os alunos quando fazem uso do português que trazem em casa, a este respeito, 43 alunos que correspondem a 76,7% responderam “sim”, 7 que correspondem a 12,5% responderam “Não” e 6 que correspondem a 10,7% não responderam. O resultado obtido do presente gráfico, leva-nos a querer entender quais as razões porque os professores inibem os alunos de fazer uso de português, aliás, quanto mais interação há na aula, mais eficiência e sucesso se espera na aprendizagem. Aulas democráticas produzem raciocínios independente, promovem ambientes sadios de aprendizagem. Dificulta ainda mais a aprendizagem do aluno quando, nas aulas, o professor opta em apegar-se “aos procedimentos pedagógicos tradicionais (...), a relação verticalizada entre alunos e professores e a gestão institucional voltada a objetivos mercadológicos”(Teixeira, 2018, p.93).

O ideal para o ensino-aprendizagem de LP num contexto igual ao do Colégio nº13 do Dundo é o socio construtivismo, a teoria que “proporciona um ambiente mais interativo, fazendo com que o aprendiz seja um participante activo do processo de ensino-aprendizagem e o docente um mediador, no qual a interação é compreendida como fundamental para o processo de aprendizagem e desenvolvimento ”(Marinho, 2018, p.3).

Em condições normais, o aluno é tido como sujeito activo da aprendizagem, pois, as aulas de LP ministradas pelos professores no contexto do Colégio nº13 devem ser reflectidas e analisadas através de fenómenos linguísticos que o contexto apresenta; com efeito, o professor não deve simplesmente apegar-se em ensinar regras impostas pela gramática tradicional do português europeu, aquela que Bagno (2002) citado em Silva (2014) postula que “ preserva uma ideologia feudal, aristocrática, anticientífica, autoritária, dogmática e inquisitorial” (p.10).

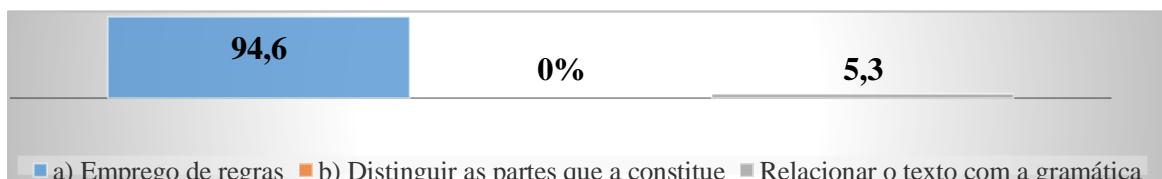
Figura 1. Frase usada no seu dia a dia.



A respeito da figura acima, o seu objectivo prendeu-se em explorar sobre a LP típica dos alunos, some-se a isso, o português real de que os alunos fazem uso no cotidiano. Para esse efeito, 52 alunos que correspondem a 92,8% responderam *Vou na escola* e 4 que correspondem a 7,1% responderam *Vou à escola*. Podes a partir deste corpus de análise afirmar que no ambiente de género, o professor deve sempre procurar manter o seu papel de mediador, não pode posicionar-se como um polícia da língua, aquele que somente quando ensina a gramática tradicional se baseia em terminologias coercitivas (certo e errado), quando o professor, nestes meandros se posicionar como polícia, acaba matando o estímulo do aluno nas suas aulas propagando insucesso no ensino.

De acordo com Undolo (2016), quando um professor conhece o seu papel na sala de aula, o que claramente se pode notar é na sua actividade docente elevar não só a matéria ensinada, mas também o aluno, com a sua maior ou menor receptividade, as suas motivações, a sua capacidade para aprender. Tal como já asseguramos anteriormente, no contexto do Colégio nº13, os alunos fazem uso do português em duas vertentes, a primeira está acabo o português real, que os alunos fazem uso no dia a dia, português mais característico, a segunda tem que ver com um português idealizado, que faz sentido quando o aluno está na escola. Para esse contexto, o professor não deve ignorar o corpus linguístico que o aluno traz de casa, esse comportamento provoca insucesso.

Figura 3. Dificuldades enfrentadas na aprendizagem da gramática do PE.



O objectivo da figura acima recaiu em conhecer as dificuldades enfrentadas pelos alunos na aprendizagem da gramática do PE, a esse respeito, 53 alunos que correspondem a 94,6% responderam que têm dificuldades ao empregar as regras gramaticais e 3 que correspondem a 5,3% responderam que têm dificuldades ao relacionar o texto com a gramática; pensamos nós que este quadro é consequência de ensino de uma gramática que não permite que seja reflectida tendo em conta a situação linguística do aluno. Através do exposto, importa fazer recurso as palavras de Silva (2014) quando diz que,

é importante ter noção de que existe conhecimentos linguísticos que auxiliam no ensino de língua portuguesa tornando-a mais eficaz e com sentido, evitando métodos tradicionais e preconceituosos que não levam em conta o conhecimento que o aluno já possui, adquirido em seu cotidiano (...) (p.39).

CONCLUSÕES

O presente estudo revelou que os alunos do Colégio nº13 têm dificuldades nas aulas ligadas ao estudo da gramática normativa, porque é fragmentada em terminologias ou receitas coercitivas tradicionalistas, inoportuna para os alunos se expressarem activamente, uma gramática com impulsivos dogmas que favorecem outra realidade linguística. Outrossim, este estudo revela que os mesmos apresentam dois níveis de expressão linguística, o primeiro está ligado a português falado com naturalidade, que sobretudo é real, e o segundo está ligado a um português que só faz sentido quando o aluno está na escola, aquele que é completamente recheado de receitas de certo e errado, que não permite que se construa a partir dele uma aprendizagem activa e democrática. Há, no entanto, um

certo comportamentalismo por parte de professores quando ministram aulas de LP, tudo porque proíbem e desconsideram o português que o aluno traz da sociedade, essa e outras formas de proceder levam os alunos a estarem receosos ou a escusarem-se de tecer qualquer opinião na aula, não interagem e, consequentemente, o esperado é insucesso nessas aulas. Não se pode esperar sucesso no ensino de língua, quando não se comprehende como e qual teoria utilizar para a sua facilitação, é necessário que o professor tenha noções sobre a linguística para poder dar respostas realistas quando ensina uma gramática descontextualizada.

Portanto, para o processo de ensino-aprendizagem de LP no contexto do Colégio nº13 do Dundo sugerimos o socio-constutivismo como teoria de aprendizagem, que parte da concepção de que deve haver interação no ambiente escolar, fazendo com que as aulas sejam mais reflectidas e geradoras de aprendizagem eficaz e eficiente. Onde o professor sendo auxiliador posiciona o aluno como sujeito activo do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adriano, P.S. (2014). *Tratamento Morfossintático de Expressões e estruturas Frásicas do Português em Angola: Divergência em Relação à Norma Europeia*. Évora: Tese de Doutoramento/ Universidade de Évora Portugal.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Silva da, R. (2014). *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Education. 6^aed.
- Faraco, C. A. & Castro, G. (sd). *Por uma Teoria Linguística que Fundamente o Ensino de Língua Materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom)*. Acesso em 14 de Janeiro de 2022, disponível em Educar em Revista: https://www.google.com/url?sa=&source=web&rct=j&url=https://www.scielo.br/scielo.php%3Fpid%3DS010440601999000100015%26script%3Dsci_abstract&ved=2ahUKEwiNhu2xprH1AhWMEMAKHZIRDdQQFnoECAMQAQ&usg=AOvVaw1sAIHhdnyv4aq7ZbEzzGCI.
- Gaspar, S. I. N. F. (2015). *A Língua Portuguesa em Angola: contributos para uma metodologia de Língua Segunda*. Lisboa: Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade nova de Lisboa.
- Kauark, F. d. S., Malhães, F. C. & Madeiros, C. H. (2010). *Metodologia da Pesquisa: Um guia prático*. Bahia: Via Litterarum editora.
- Lima, M. A., Gomes, G. G., & Carvalho, M.d. G. M. P.(s.d). *Abordagens Sobre o Ensino da Gramática Normativa na Educação Básica*. N.I.P, ICESP & Faculdades Promove de Brasília.
- Marinho, B.G. (2018). *Aplicação e Compreensão do Socio construtivismo no Contexto Escolar*. Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ
- Mateus, M. H. M., Pinto, P. etal. (2009). *Metodologias e Materiais Para o Ensino do Português como Língua Materna*. Textos do seminário: ILTeC.
- Mingas, A. (2002). *Ensino da Língua Portuguesa no contexto Angolano*. In Mateus, M.H.M. (coord.) uma política de língua para o português. Lisboa: Edições Calibri.
- Oliveira, J.S.d. (2011). *Ensino Tradicional, Novo Fazer Pedagógico e Suas Influências na Educação de Jovens e Adultos*. Trabalho de Conclusão de Curso: Campina Grande.
- Souza, E. A. (2019). *As Expressões Idiomáticas e o Tratamento da em livros Didácticos de língua Portuguesa do ensino Médio: Uma Análise na Colecção de Livros Didácticos de 1º ao 3º ano*: UFAL.
- Silva, M. R. d. (2014). *A Interface Gramática e Ensino: do Tradicional ao Discursivo*. Guarabira.
- Teixeira, L.H.O. (2018). *A Abordagem Tradicional de Ensino e Suas Repercussões Sob a Percepção de Um luno*. Revista Educação em Foco: Edição nº 10.
- Undolo, M. (2016). *A Norma do Português em Angola: Subsídios para seu Estudo*. Caxito: ESP-Bengo.

Undolo, M. (2020). *Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português*. Luanda: Edições ECO7.

Vieira, E., & Dörr, J. L. C. (2014). *Ensino de Gramática: O trabalho de reflexão linguística nas salas de aula do Ensino Fundamental*. Florianópolis: X ANPED Sul.

Síntese curricular dos autores

José Corindo Muaquixe: Professor do Ensino Secundário, colocado na Direção do Colégio nº13 do Dundo. Desde 2019 leciona a disciplina de Língua Portuguesa nas seguintes classes: 7.ª, 8.ª e 9.ª. Licenciado em Ciências de Educação na opção de ensino de Língua Portuguesa na Escola Pedagógica da Lunda Norte afecta à Universidade Lueji A Nkonde.